



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação Social
Curso de Graduação em Comunicação Organizacional

KEDNA MEDEIROS

A PRESENÇA DA MULHER GORDA NAS TELENÓVELAS BRASILEIRAS
Um estudo das teledramaturgias mais vistas em 2016 e 2017 no Brasil

Brasília
2018

KEDNA MEDEIROS

A PRESENÇA DA MULHER GORDA NAS TELENOVELAS BRASILEIRAS

Um estudo das teledramaturgias mais vistas em 2016 e 2017 no Brasil

Memorial do Produto apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – FAC/UnB, como requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação. Sob orientação da Profa. Dra. Ellis Regina Araújo da Silva.

Brasília
2018

KEDNA MEDEIROS

A PRESENÇA DA MULHER GORDA NAS TELENOVELAS BRASILEIRAS

Um estudo das teledramaturgias mais vistas em 2016 e 2017 no Brasil

Memorial do Produto apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – FAC/UnB, como requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação. Sob orientação da Prof^a. Dra. Ellis Regina Araújo da Silva.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

Orientadora Profa. Dra. Ellis Regina Araújo da Silva – FAC-UnB

Profa. Dra. Kátia Belisário – FAC – UnB

Profa. Msc. Natália Oliveira Teles da Silva – FAC – UnB

Suplente Prof. Dr. Augusto Charan Alves Barbosa Gonçalves - GEPPE/FE -UnB

À minha linda e doce filha, Kathlyn Medeiros. Você foi e é minha maior inspiração e motivo de tudo. Obrigada pela compreensão e companheirismo quando mais precisei, seus gestos, por mais inocentes que fossem, foram fundamentais. Sua independência e compreensão mesmo tão pequena me dão orgulho, e por mais que por muitas vezes me sentisse culpada, você me mostrava que valia a pena. Eu te amo profundamente, e sei que se tornará uma mulher incrível.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida, saúde e capacidade.

Aos professores inspiradores que tive durante toda a minha formação, sem dúvida, vocês foram fundamentais.

À Universidade de Brasília e aos meus professores, pela educação, inspiração e compreensão, principalmente nos momentos mais delicados que passei. Em especial às professoras, cada uma foi fundamental para a conclusão do meu curso, e para meu empoderamento. Obrigada a todas.

Aos meus amigos que contribuíram direta ou indiretamente e também àqueles que fiz durante minha graduação, em especial a querida Nádja, que tanto contribuiu para uma formação além do acadêmico. Você me inspira.

A minha psicóloga Tatiane, não sei o que seria de mim sem você.

À minha família que sempre foi minha base fundamental. Em especial ao meu pai, pela educação, provisão e compreensão. E por todo cuidado, carinho e amor dado a minha filha. À minha irmã, que sempre foi uma grande inspiração para mim, devo muito do que sou a você. Meu irmão e meus sobrinhos, aos quais amo muito. E é claro, à minha mãe, pois sem ela seria impossível chegar até aqui. Ser mãe universitária não é fácil, e seria ainda mais difícil sem o apoio especial minha mãe, que pacientemente cuidou para que a minha filha tivesse proteção e amor enquanto me dedicava ao trabalho e aos estudos. E agora, na reta final do meu curso, passando por uma enorme provação e mesmo assim sendo sinônimo de força. Você vai vencer!

Ao meu companheiro, pela paciência, afeto e força. E também por me ajudar a ressignificar muita coisa na minha vida, por me mostrar que posso ser amada e viver um relacionamento saudável. Te amo.

Aos membros da minha banca, Professora Kátia e Professora Natália, obrigada por terem aceito o convite e fazer parte de um dos momentos mais importantes da minha vida. Ao Professor Augusto, que prontamente aceitou o convite para ser suplente e na reta final de meu trabalho me ajudou de maneira indescritível, obrigada.

E é claro, à minha orientadora, Ellis Regina, pela paciência, força, ajuda e principalmente por ter acreditado em mim. Serei eternamente grata.

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo analisar a presença da mulher gorda nas telenovelas brasileiras mais vistas nos anos de 2016 e 2017, tendo como resultado um artigo. Foram analisadas seis telenovelas, identificadas no Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva, Obitel, como as mais vistas nos anos correspondentes aos estudos. O trabalho demonstrou que a presença da mulher gorda nas obras de teledramaturgia ainda é escassa, trazendo apenas quatro personagens gordas em um total de 40 presentes nos núcleos principais das novelas analisadas, e ainda assim, não traz a devida normalidade ou destaque à presença delas.

Palavras-chave: Comunicação; Televisão; Telenovela; Mulher Gorda; Gordofobia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. CONTEXTO E PROBLEMA DE PESQUISA.....	09
3. JUSTIFICATIVA.....	11
4. OBJETIVOS.....	14
5. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
5.1. Televisão e Telenovela.....	15
5.2. Padrões de beleza e gordofobia.....	17
6. METODOLOGIA.....	25
7. RESULTADOS.....	27
7.1. As telenovelas.....	27
7.2. As personagens.....	30
7.3. As personagens gordas.....	33
7.4. Uma personagem a parte.....	38
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
9. REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

As telenovelas são parte essencial da cultura brasileira, um agente de importância para a formação social e ainda um dos grandes disseminadores dos referenciais de beleza estipulados pela sociedade. Em relação aos padrões de beleza, sabe-se que estes mudaram conforme os anos e hoje, o arquétipo magro é fortalecido midiaticamente. Tal modelo acaba por ocupar um importante espaço no pensamento e na vida da mulher brasileira.

Com o padrão de beleza da mulher magra reforçado diariamente, aquelas que não se encaixam neste perfil acabam muitas vezes, não representadas ou ainda figuradas de forma negativa. O que gera consequências sociais, como a pressão para mudança estética ou o surgimento de preconceitos, como a gordofobia.

Em um olhar superficial, praticamente não se nota a presença da mulher gorda nas telenovelas transmitidas em horário nobre na televisão brasileira, ou quando notadas, geralmente fazem parte de núcleos pequenos ou cômicos, representando ainda pessoas de classes sociais menos favorecidas. Assim, este trabalho busca identificar presença e a representação da mulher gorda nas telenovelas brasileiras, a partir do contexto televisivo dos anos 2016 e 2017.

Buscou-se identificar primeiramente, as obras mais vistas no país e posteriormente realizar um recorte para as personagens femininas de maior destaque nas novelas, e então, constatar entre elas, as que fujam do padrão magro de beleza. Procurou-se ainda verificar como a representação destas mulheres foram feitas e quais os destaques na trama dadas a elas.

O presente memorial procura apresentar antes de tudo, o contexto e problema da pesquisa, adiante se disserta a justificativa, objetivos e o referencial teórico que serviu como base para construção do trabalho. Por fim, expõe a metodologia do estudo e os resultados obtidos durante a pesquisa, chegando assim a conclusão da mesma.

2. CONTEXTO E PROBLEMA DE PESQUISA

Padrões de beleza existem desde a antiguidade, no entanto, eles foram transformados de acordo com o tempo. Sabe-se que até o séc. XIX, o corpo era valorizado por representar riqueza e fartura. Vemos essas representações ao olhar, por exemplo, quadros famosos, que exibem mulheres curvilíneas e roliças. Foi já no séc. XX que este padrão foi alterado, abrindo espaço para representações de mulheres mais magras, conforme Capanate e Caleiro:

No século XX, ao contrário dos outros períodos históricos, a obesidade foi sendo vista como algo negativo, tanto esteticamente quanto prejudicial à saúde. A anúncio feita pela mídia para buscar um corpo esbelto e magro contribui fortemente para que as pessoas mudassem seus hábitos alimentares e se adequassem a essa nova concepção de que o belo se traduz em um corpo com poucas medidas (CAPANATE e CALEIRO, 2012, p. 6).

Para Castro, a mídia foi um fator de extrema importância para reforçar este novo padrão, principalmente no que diz respeito a imagem cinematográfica:

A segunda década do século XX foi crucial na formulação de um novo ideal físico, tendo a imagem cinematográfica interferindo significativamente nessa construção. No fim da década, mulheres, sob o impacto combinado das indústrias do cosmético, da moda, da publicidade e de Hollywood, incorporam o uso da maquiagem, principalmente o batom, e passam a valorizar o corpo esbelto, esguio (CASTRO, 2004, p. 2).

O surgimento da televisão coincide com essa mudança nos padrões de beleza, já que foi criada também no início do século XX. A invenção, no entanto, chegou no Brasil apenas nos anos 1950, dando início então à produção de telenovelas. Esse gênero televisivo é de grande importância para o país, já que muitas vezes o Brasil é chamado de “país das telenovelas”.

Com o passar dos anos, a telenovela foi ganhando mais espaço e maior importância para o país, gerando impacto não apenas na cultura nacional, mas também para a economia. Hoje, pesquisas mostram que novela é o gênero mais visto no Brasil¹, além de diversas produções nacionais serem exportadas para várias cidades do mundo.

A televisão, como forma de mídia e importante meio de comunicação, é um agente ativo para reforçar os padrões de beleza existentes, gerando grandes impactos

¹ Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/generos-america-latina/>. Acesso em 1º de novembro de 2018

no comportamento social. O economista do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Alberto Chong, afirma que “a televisão desempenha um papel crucial na circulação de ideias, em particular em nações em desenvolvimento com uma forte tradição oral, como o Brasil²”. Para Apostólico:

Os corpos presentes nas tramas das telenovelas são observados como referência para a construção de corpos “ideais” (...). Esses corpos trazem em si toda uma carga semântica relacionada aos valores cultivados em nossa época. Revelam as diversas facetas de nossa cultura e são o produto dos vários recursos, técnicas e criações do homem. Fazem parte do pivô condutor a uma modalidade que é a adoração do corpo, em que a aparência é o código principal (APOSTÓLICO, 2006, p.16).

Os novos padrões de beleza ditos anteriormente ocuparam todo o espaço midiático, impedindo quase que absolutamente a presença de corpos diferentes, forçando assim uma adaptação das mulheres aos padrões aceitáveis e tidos como normais e belos. Para Fischer:

Os imperativos da beleza, da juventude e da longevidade, sobretudo nos espaços diferentes meios de comunicação, perseguem-nos quase como tortura: corpos de tantos outros e outras nos são oferecidos como modelo para que operemos sobre nosso próprio corpo para que o transformemos, para que atinjamos (ou pelo menos desejemos muito) um modo determinado de sermos belos e belas, magros, atletas, saudáveis, eternos (FISCHER, 2001, P 48-49).

Tendo em vista a grande importância da televisão e das telenovelas para o país, este estudo busca responder: há representação de mulheres gordas, fora do padrão normativo de beleza, nas telenovelas atuais? Se sim, como são feitas as representações de tais mulheres?

² Disponível em: <https://www.iadb.org/pt/noticias/artigos/2009-01-29/novelas-brasileiras-tem-impacto-sobre-os-comportamentos-sociais%2C5104.html>. Acesso em 1º de novembro de 2018

3. JUSTIFICATIVA

A televisão é a principal fonte de entretenimento de mídia para 57% dos brasileiros que vivem sozinhos, sendo que as novelas são um dos assuntos de maior interesse, principalmente se considerado apenas a parcela feminina³. De acordo com levantamento da empresa Kantar IBOPE Media, o tempo que o telespectador consumiu de TV aumentou 6 minutos em 2017, sendo, em média, 6 horas e 23 minutos por dia⁴.

Em relação a parcela gorda da população, pesquisas mostram que mais da metade da população brasileira está acima do peso considerado ideal para os especialistas. A pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde em 2016, apontou o excesso de peso em 53,8% da população, se levado em consideração apenas as mulheres, o índice é de 50,5%⁵. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), já apontou índices de até 60%, sendo a maior prevalência para o sexo feminino⁶. Ambas pesquisas demonstram que o excesso de peso aumenta conforme a idade.

É importante ressaltar que no Brasil, a maior parte da população é composta de mulheres, com 50,8% do número total⁷ da população atual. Além disso, uma matéria feita pela revista Galileu em janeiro de 2017 traz alguns dados relevantes:

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma a cada cinco meninas brasileiras com idade entre 13 e 15 anos se acha gorda ou muito gorda. Entre as entrevistadas, apesar de 21,8% se considerarem gordas ou muito gordas, o desejo de perder peso atinge 30,3% delas. (...) Em São Paulo, segundo pesquisa da Casa do Adolescente, da Secretaria de Estado da Saúde, 77% das adolescentes apresentam propensão a desenvolver algum distúrbio alimentar, seja anorexia, seja bulimia, seja compulsão por comer. Entre as participantes do estudo, 85% acreditam que existe um padrão de beleza imposto pela sociedade; 46% disseram que mulheres magras são mais felizes; e 55% adorariam simplesmente acordar magras. Outro balanço do mesmo órgão apontou que, em média, a cada dois dias uma pessoa é

³ Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/2965> acesso em 1º de novembro de 2018

⁴ Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/telespectadores-brasileiros-dedicaram-mais-tempo-a-tv-em-2017/> Acesso em 1º de novembro de 2018

⁵ Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/abril/17/Vigitel.pdf> acesso em 1º de novembro de 2018

⁶ Disponível em: <http://www.abeso.org.br/noticia/quase-60-dos-brasileiros-estao-acima-do-peso-revela-pesquisa-do-ibgea> Acesso em 1º de novembro de 2018

⁷ Disponível em <https://countrysmeters.info/pt/Brazil> Acesso em 1º de novembro de 2018

internada por anorexia ou bulimia somente nos hospitais que atendem pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em São Paulo (LOUREIRO, 2017, p. 39).

Além dos dados quantitativos acima, é necessário verificar ainda o caráter formador e cultural da televisão. De acordo com Mattos “as telenovelas não são apenas divertimento, distração, ou mesmo válvula de escape; são uma grande contribuição cultural para a sociedade, uma vez que suas temáticas levam à reflexão, ao mesmo tempo em que educam e entretêm” (MATTOS, 2008, p.13). Ainda de acordo com a autora:

(...) o papel da TV é oferecer diversas informações e saberes apresentando modelos sociais, estratégias de vida e papéis alternativos à sociedade. Nesse aspecto a telenovela possui um grande poder de significação e intervém na vida das pessoas mudando seus hábitos e valores (...). Além disso, há um grande processo de troca cultural, sendo que o autor busca aprender com a cultura da sociedade para representar essa cultura em sua trama, que por sua vez, ao ser representada, é absorvida pelo imaginário social. (MATTOS, 2008, p.16)

Vigotski, em sua teoria histórico-cultural, acredita que a cultura é o principal fator de desenvolvimento humano, para ele o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual” (VIGOTSKI, 1987, p.18). De acordo com Gonçalves:

Para a teoria histórico-cultural como um todo, somos sínteses de múltiplas determinações que englobam a internalização da experiência cultural vivenciada numa dimensão individual, da experiência histórica do passado e da experiência social atual por meio da internalização de experiências vivenciadas por outros seres humanos (GONÇALVES, 2017, p. 197).

A televisão, como fator cultural torna-se então socioeducativo, além de ser o principal meio de informação para 63% para os brasileiros, podendo chegar a 89% se levadas em conta as duas principais opções das pessoas⁸. É importante mencionar ainda a falta de trabalhos acadêmicos com esta temática. Apesar de serem estudados padrões de beleza, a mulher gorda, praticamente não aparece como tema de pesquisa para a área de comunicação. Uma pesquisa realizada por Carolina Pohl no início de 2018, fez uma análise de 25 periódicos da área de comunicação e constatou-se que apenas sete artigos abordaram como temática, a mulher gorda.

Tendo em vista a importância da televisão e das telenovelas, bem como a parcela da população, principalmente de mulheres, que não se encaixa nos padrões

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em outubro de 2018

de beleza impostos na sociedade, e ainda a falta de trabalhos acadêmicos que pesquisem a representação destas, este trabalho se faz relevante ao levantar a presença da mulher gorda nas principais telenovelas do país nos últimos anos, bem como a sua representação nestas teledramaturgias.

4. OBJETIVOS

O objetivo deste estudo é analisar a representação social das mulheres gordas nas telenovelas mais vistas no país nos últimos anos.

Como objetivos específicos, busca-se (1) verificar a presença das mulheres gordas nas telenovelas; (2) o destaque que a personagem possui na novela, bem como a sua trama; (3) entender como é feita a representação da mulher gorda bem como a sua importância para as teledramaturgias.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Televisão e telenovela

A história da telenovela no Brasil começa com a chegada da televisão ao país, nos anos 1950. Antes desse período, dramaturgias podiam ser ouvidas através do rádio, o que já cativava a população brasileira.

Sua vida me pertence foi a primeira telenovela brasileira, exibida em 1952 pela extinta TV Tupi, a trama era transmitida apenas duas vezes na semana. A primeira novela a ser transmitida diariamente foi *2-5499 ocupado*, em 1963, pela TV Excelsior. No entanto, o primeiro grande sucesso do gênero foi *O direito de nascer*, exibida nos anos de 1964 e 1965, produzida pelas extintas TV Tupi e TV Rio.

A conhecida rede Globo só passou a existir nos anos 1960. Nessa época, a produção de novelas ainda era pouco profissional, artesanal e pioneira, como aponta a autora Borelli:

Nos anos 50 e 60, a "forma" da telenovela encontra-se, no Brasil, bastante próxima e indiferenciada dos padrões que lhe dão origem. Pode-se arrolar, aqui, algumas das principais características que compõem o cenário de constituição e consolidação do campo televisivo e, em especial, da esfera de produção das telenovelas, neste período:

- fronteiras ainda difusas, em busca de uma linguagem televisual própria (...);
- narrativa melodramática, com tendência ao dramalhão(...);
- fabricação em bases mais artesanais que industriais (...);
- migração de produtores culturais – autores, diretores, atores e demais componentes do processo – que vieram de outros campos como o rádio, o teatro e o cinema;(...)
- grande número de telenovelas adaptadas de textos literários (BORELLI, 2011, p.32).

As histórias se tornaram mais complexas e as produções mais sofisticadas nos anos 1970:

Como objeto acadêmico, Borelli (2001) destaca que a telenovela era encarada como diversão para massas ou mercadoria da indústria cultural, até o advento de pesquisas que se propuseram a romper com o paradigma de cultura como representação da arte erudita. A telenovela não era gênero popular nos seus primeiros anos de existência. A popularidade só foi alcançada quando a exibição passou a ser diária (ARCOVERDE; RODRIGUES, 2014, p.31).

Outro ponto importante que marcou os anos de 1970 foram as inovações tecnológicas, como os videoteipes, que permitiram que as gravações fossem feitas com antecedência bem como a correção de falhas. Houve também surgimento de

equipamentos mais modernos e mais leves e ainda, a televisão a cores, cuja primeira transmissão no país foi em 1972.

As dramaturgias passaram também por transformações temáticas, incorporando mais a realidade brasileira e até mesmo um debate crítico. Conforme Borelli:

O principal deslocamento de eixo temático pode ser detectado na ênfase que se coloca, a partir daí, nos enredos voltados à veiculação de imagens da realidade brasileira; incorpora-se à trama um tom de debate crítico sobre as condições históricas e sociais vividas pelos personagens; articulam-se, no contexto narrativo, os tradicionais dramas familiares e universais da condição humana, os fatos políticos, culturais e sociais, significativos da conjuntura no período; esta nova forma inscreve-se na história das telenovelas como uma característica particular da produção brasileira; e estas narrativas passam a ser denominadas "novelas verdade", que veiculam um cotidiano que se propõe crítico, por estar mais próximo da vida "real" e por pretender desvendar o que estaria ideologicamente camuflado na percepção dos receptores. (BORELLI, 2011, p.33)

Foi neste período, dos anos 1970 a 1989, que marcou "a expansão da indústria da televisão no Brasil" (HAMBURGER, 2005) e ainda consolidou a Rede Globo no país. Segundo Hamburger:

A Rede Globo praticamente exerceu o monopólio durante esse período, também caracterizado por intensa interferência política e econômica do regime militar nas emissoras, e alcançou a posição dominante com uma grade de programação que tinha o "sanduíche" de novelas e o noticiário como ingredientes básicos. As novelas se tornaram o produto principal dessa indústria local competitiva, passando a ser exportadas inicialmente para Portugal, recém-liberto do salazarismo, em 1976, e logo para inúmeros outros países em todos os continentes (HAMBURGER, 2005, p.30).

A partir daí as telenovelas foram ganhando cada vez mais espaço no cotidiano brasileiro, se tornando um dos principais meios de entretenimento da população e de criação de consciências e padrões de comportamentos sociais dos mais diferenciados. Uma pesquisa realizada em 2017 pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), aponta que um dos programas que mais desperta interesse nos brasileiros é a telenovela, cerca de 38% dos entrevistados, número este que sobe para 55% se analisada apenas a parcela feminina.

A constante presença da telenovela na vida dos brasileiros faz com que esta represente "nos dias atuais um dos produtos culturais de maior importância da televisão brasileira" (PEREIRA, 2008). De acordo com Oikawa, Silva e Feitosa:

Dada a sua enorme audiência e popularidade, não é exagero afirmar que existe uma “cultura de novela” no Brasil e que esta desempenha um papel na conformação de mentalidades e comportamentos. Essa cultura da telenovela pode ser percebida ainda através da relação que os telespectadores estabelecem com o tempo de lazer e entretenimento, que vão contribuindo para tecer a vida cotidiana, atingindo mesmo aqueles que não a consomem diretamente, mas, que são interpelados por ela. (OIKAWA, SILVA e FEITOSA, 2015. P.154)

Vigotski acredita que a cultura é o principal fator formador e de desenvolvimento humano, logo, a telenovela como agente cultural assume um importante papel influenciador para a vida do cidadão brasileiro. Mattos fala, no entanto, que apesar desta influência ser evidente, muitos desacreditam desta função das novelas, pois por diversas vezes esta atuação é feita de forma mascarada. O que faz com que seja vista “como simples forma popular de entretenimento” (MATTOS, 2008) resultando com que “a riqueza cultural e a função comercial da telenovela acabam passando despercebidas pelo público.” (MATTOS, 2008).

Além disso, os programas televisivos muitas vezes reforçam os preconceitos e dificultam a desmistificação da realidade objetiva e social. “Não podemos nos esquecer que a televisão também é uma fonte produtora de afetos de alegria, de tristeza e de desejo” (GONÇALVES, 2018, comunicação pessoal). Nesse sentido, de acordo com Sifuentes:

A televisão inspira os principais sonhos: a conquista de uma condição social melhor, através do estímulo a lutarem pelo que desejam, conforme os exemplos vitoriosos apresentados na mídia; o desejo de terem casas e bens de consumo como a novela oferece; ter uma família feliz e harmônica, uma realidade às vezes distante da delas, mas que, certamente, gostariam que não fosse (SIFUENTES, 2009, p.76).

“Pode-se afirmar que a televisão padroniza até mesmo os sonhos e a noção do que é ser feliz” (GONÇALVES, 2018, comunicação pessoal). Geralmente o que se passa é que a existência, para ser bem vivida, deve seguir determinados padrões sociais (estéticos, éticos, morais, comportamentais, etc.) que são cambiáveis conforme o fluxo histórico e cultural das telenovelas.

O caráter influenciador da televisão e da telenovela fazem com que esta se torne uma importante referência para a sociedade, mostrando através delas novos produtos comerciais, valores morais e ainda, os padrões de beleza.

5.2 Padrões de Beleza e Gordofobia

Os padrões de beleza sempre existiram, no entanto, conforme as mudanças sociais e históricas foram ocorrendo, tais padrões também foram modificados, criando assim novos referenciais de beleza, alterando ainda o gosto e o desejo por determinados arquétipos.

No livro “As metamorfoses do gordo: História da obesidade”, o autor Georges Vigarello traça um panorama histórico dos padrões corporais e a sua relação com os contextos socioeconômicos, tomando como ponto de partida o século IX. Na época, o gordo era visto como saudável, robusto e, somente aquele que, por conta do excesso, era impedido de realizar atividades como andar a cavalo e calçar seus sapatos era visto de forma negativa, pois isso o tornava um *glutão* aos olhos da sociedade. Uma vez que a gordura era sinônimo de status econômico, “os tratados medievais de beleza não abordam o tema do invólucro corporal e de seu possível emagrecimento” (VIGARELLO, 2012, p.61)

Isso muda no período da Renascença, pois, nessa época, a produtividade era um conceito altamente valorizado. “Uma cultura “negativa” do “volume” é cada vez mais declarada, ainda que indiferente às nuances ou à precisão numérica” (Idem ibidem, p.72). A obesidade passa a ser ligada à morosidade, lentidão, e, por isso, a atenção dada ao corpo gordo muda, “concentrando-se mais em regimes e na contenção física aplicada diretamente sobre a carne por meio de cintas e corpetes” (Idem ibidem, p.65).

Metodologias para medição dos corpos começaram a ser desenvolvidas durante o Iluminismo, como o uso de pesos ao invés da observação dos volumes corporais, e escalonamento de volumes em análises médicas, o que gerou, consequentemente, comparações entre os corpos. “A cultura iluminista, mais atenta para o indivíduo, também o é com a individualização do gordo” (VIGARELLO, 2012, p.143).

Avançando mais na história, um conceito que marca o século XIX é que a obesidade se torna científica e temida a partir de um ponto de vista coletivo. “A origem desses problemas, sobretudo, é diferente: cultural no primeiro caso, com seu código de silhueta e comportamento, e econômica no segundo, com sua percepção de risco coletivo” (VIGARELLO, 2012, p.324).

Outro conceito importante é o gordo deixa de ser guloso ou preguiçoso e passa a ser considerado um 'perdedor', imagem que ainda perdura nos dias atuais. "A falha do obeso é não conseguir mudar, sofrendo cada vez mais por deixar visível essa incapacidade" (VIGARELLO, 2012, p.336).

As pessoas gordas passam a partir daí, a serem vistas como indivíduos que não conseguem se controlar, estando em contramão em relação aos valores comportamentais compartilhados socialmente, o que passa a causar insatisfação com a autoimagem, no que diz respeito a sua relação consigo mesmo, e revolta em relação ao seu estilo de vida e forma física, por parte dos outros.

Apesar dos padrões de beleza influenciarem ambos os sexos, "é principalmente sobre o corpo feminino que se dá a interação entre o mercado e os valores culturais" (FREITAS, 2002, p. 26). Logo, a pressão estética para se adequar aos referenciais de beleza é reforçada principalmente para a mulher. Segundo a autora:

Em particular, sobre o corpo da mulher, a escultura revestida de falta de excesso de peso, abdome magro e ossatura em evidência, torna-a parte do mercado. E assim ela pode caminhar apressadamente por entre as vias públicas sem se sentir diferente, e, conseqüentemente, perceber-se mais presente nos acordos com o mundo (FREITAS, 2002, p. 25).

Em relação ao fato da cobrança social para adequação aos padrões de beleza serem maiores em relação ao corpo feminino, "é preciso lembrar que a classificação de gêneros (masculino/feminino) serve a uma divisão de poderes (quem manda/quem obedece; quem pode/quem não pode; quem tem valor/quem não tem valor) " (BELISÁRIO; GERALDES; MOURA, 2012, 468). Tal divisão de poderes diz respeito ainda as obrigações dadas para os diferentes sexos, sendo que, à mulher, é dada a função de submissão para com o homem, bem como a satisfazer aos desejos masculinos.

No entanto, "essa divisão de poderes, para se manter, precisa ser amparada por algumas crenças, como, por exemplo, a de que é justo que a mulher tenha menos posições de destaque social, receba menores salários e possa ser tratada como objeto" (BELISÁRIO; GERALDES; MOURA, 2012, 468). Dessa forma, se torna mais fácil exigir que mulher cumpra o seu papel social, impondo a ela que se encaixe aos padrões de beleza para agradar o seu "dono".

Ao considerar que “vivemos em uma cultura dominada por imagens, onde a mídia tem um papel fundamental na produção de narrativas” (FRIDMAN, 1999) e ainda que “o corpo assume o posto de elemento essencial na construção da imagem das pessoas” (BELISÁRIO; GERALDES; MOURA, 2012, 469), manter o corpo em conformidade aos padrões de beleza passa então a ser também uma obrigação feminina.

Padrão de beleza esse que agora exige um corpo magro, o que, segundo veículos de comunicação, como a Vogue, significa possuir “a silhueta esbelta e esportiva, membros finos e musculosos, sem gordura parasitária, uma figura enérgica e aberta: eis o ideal de beleza feminina” (MARELLI, apud. VIGARELLO, 2012, p.294).

Com adventos tecnológicos e a globalização, os padrões de beleza alcançaram então alcance mundial, sendo os veículos de comunicação o agente principal para disseminação deste padrão, e assim “milhares de mulheres em todo o mundo buscam uma delineação magra do corpo, seguindo a “onda” dos conceitos ditados pela globalização, que são reforçados pelas vias midiáticas” (CAMPANATE e CALEIRO, 2012, p. 3).

O documentário Embrace dirigido por Taryn Brumfitt, lançado em 2016 pela Netflix, traz uma reflexão sobre esses padrões de beleza que são diariamente reforçados pela mídia e o impacto dessas representações para as mulheres. No filme, a professora de psicologia da Universidade Flinders, Marika Tiggeman, comenta:

Se você considerar gordura algo muito ruim e a magreza bom, então mais magra vai ser, e quanto mais magra, melhor ainda. Coletivamente, nós aprendemos a ideia de que magreza é saúde e gordura é doença, por definição, e não é bem isso. Há muitas pessoas magras que não são saudáveis por vários motivos. Elas comem mal, têm pressão arterial alta, o que quer que seja, e há várias pessoas gordas que são muito saudáveis. Essa ideia de ter um pouco magro e como você se parece tornou-se muito importante, principalmente por causa da globalização da mídia. Mesmo em um lugar como Fiji, que tradicionalmente valoriza com os maiores, provavelmente como um sinal de riqueza e saúde, logo após o aparecimento da televisão, mulheres jovens agora querem ser magras e foram relatados transtornos alimentares pela primeira vez. E tudo isso acontece muito rapidamente. Pais bem-intencionados tentam elogiar seus filhos, particularmente suas filhas, e lhes dizem que são bonitas, e esta talvez não seja uma boa ideia, porque novamente o foco fica na importância da aparência. Realmente não importa se é positivo ou negativo. Estão dizendo que a aparência é muito importante. Então, seria útil, particularmente com as meninas, se os pais pudessem,

conscientemente, elogiar e comentar o que as meninas fazem, mais do que sua aparência (EMBRACE, 2016).

Bordo diz que magreza e gordura é “um dos mais poderosos mecanismos de normatização do nosso século” (BORDO, 2003, p.186 apud RODRIGUES; ARCOVERDE, 2014 p. 17). Segundo ele, os obesos representam uma quebra à norma social, e, por isso, são percebidos de forma perturbadora por outros membros da sociedade, pois representam uma espécie de rebelião.

Tal quebra de padrão gera o que seria explicado por Vigotski como a ideia de deficiência (VIGOTSKI, 1997a) já que falta algo para a mulher gorda, isto é, falta a magreza. Para ele, “a deficiência é cultural e de ordem social e qualitativa” (GONÇALVES, 2017, p. 115). De acordo com Freitas:

A construção de novos valores culturais sobre o corpo apresenta para o indivíduo uma medida reflexiva sobre a comida, especialmente quando se trata do valor estético do corpo. Trata-se, pois, da importância de valorização social que habita o indivíduo, e que para ele, em seu imaginário, o peso de seu corpo redefine as suas conquistas sociais. Manter-se magro ou ter o corpo moldado para o consumo são os recursos estéticos que, na sociedade brasileira, vem revelar um dos disfarces da fome crônica, ou a utilização do desenvolvimento de uma técnica dietética moralista, em que a dieta representa a disciplina do gosto (FREITAS, 2002, p. 23/24).

Em relação às dietas, o fator mercadológico entra como um grande associado ao já conhecido padrão de beleza, estimulando ainda mais este “perfil de magreza, através das propagandas com modelos magras, anúncios de produtos dietéticos, emagrecedores naturais, dentre outros” (CAMPANATE; CALEIRO, 2012, p. 3).

Apesar de comercializadas como positivas, as dietas, no entanto, não significam necessariamente uma mudança para um estilo de vida saudável. É necessário entender que o peso por si só, não é um fator determinante para doenças. A revista Galileu publicou em janeiro de 2017 uma matéria que trata sobre o preconceito para com pessoas gordas, e traz diversos dados, como os a seguir:

Um estudo da Universidade de Los Angeles (Ucla) apontou que usar o IMC para determinar índice de saúde levou à classificação incorreta de 54 milhões de americanos saudáveis como “doentes”. De acordo com a pesquisa, que cruzou dados de IMC com os de exames laboratoriais, quase metade dos norte-americanos considerados acima do peso conforme seus índices de massa corporal são saudáveis, assim como aproximadamente 20 milhões de obesos. Além disso, mais de 30% das pessoas com o IMC considerado normal na verdade não estão saudáveis. Conclusão? **Obesidade não é**

sinônimo de doença, assim como magreza não é sinônimo de saúde
(LOUREIRO, 2017. p. 33, grifo nosso)

Ainda nesta matéria ela traz uma pequena entrevista com a nutricionista Paola Altheia, criadora do blog “Não Sou Exposição”. Ela fala então que a obesidade é apenas um dado numérico, e que este “não diz nada sobre os hábitos da pessoa, nem sobre seus indicadores de saúde. Simplesmente comandar que uma pessoa gorda emagreça batendo o olho nela é uma abordagem simplista, e infelizmente muito frequente” (ALTHEIA, 2017, p. 38)

No entanto, o padrão de beleza que reforça que a mulher deve ser magra acarreta em uma pressão social em cima das mulheres que não se enquadram neste padrão, e acabam submetendo-se a “dietas restritas e medicamentos, além de outros artifícios como cirurgias plásticas, ginásticas e cosméticos” (FREITAS, 2002, p. 26). Não sendo a princípio um desejo próprio, mas uma necessidade social. Ainda conforme o autor:

Dessa produção, a mulher experimenta o emagrecer com o rigor de uma (auto) vigilância sobre o peso, numa espécie de punição para a configuração do corpo, cujo símbolo assegura a sua passagem para viver a sociedade moderna. (...). Com tanta devoção, a dieta não representa apenas o consumo de alimentos leves ou mesmo uma reeducação alimentar, mas antes, é um elemento da cultura do emagrecer que é parte de um fenômeno global da era moderna. A dieta é parte do culto ao corpo, cuja ritualidade reflete a purificação do corpo para combinar-se com a perda do peso. Sobre isso, ela não questiona a nocividade dos excessos que faz para sacralizar o corpo, e nem os efeitos colaterais das muitas dietas ditas milagrosas e mirabolantes, às quais, geralmente, se submete (FREITAS, 2002, p. 26 e 27).

A partir deste padrão e da pressão social para o emagrecimento, surge o que chamamos hoje de gordofobia. Podemos dizer que “gordofobia é o sentimento de repulsa ou acentuado desconforto para com pessoas consideradas gordas, fora dos padrões estéticos. Este sentimento pode estar seguido de atos de violência física, verbal, moral, psíquica, entre outros” (NORONHA; DEUFEL, 2014).

A gordofobia é elaborada socialmente, portanto, a nossa sociedade é gordofóbica. Tal questão, além de um problema social, é também cultural e midiático, já que “tudo o que existe na cultura é mais, ou menos, internalizado: nossa língua, comportamentos, valores, crenças, preconceitos” (GONÇALVES, 2018, comunicação pessoal), inclusive a gordofobia.

A Skol realizou junto em 2017 ao Instituto Brasileiro de Opinião Pública (Ibope), a pesquisa Skol diálogos, que faz um mapeamento em relação a preconceitos no Brasil. A pesquisa mostra que 92% dos brasileiros praticam gordofobia.⁹

A gordofobia, no entanto, pode aparecer de forma sutil, como em algumas expressões usadas rotineiramente como as explicadas pela revista Galileu: “peso ideal - reforça a ideia que existe um peso-padrão e que quem não se encaixa está errado. Bonita de rosto - fica subentendido que o corpo é feio” (LOUREIRO, 20017). “Gordice”, como se coisas gostosas fossem comidas apenas por pessoas gordas. Ou ainda expressões que a princípio parecem positivas como “Parabéns, você emagreceu”.

Essas expressões, assim como tantas outras, no entanto, reforçam o padrão de beleza social, e podem gerar um sentimento negativo nas pessoas que não se enquadram a eles. Como diz Vigarello:

Impossibilitado de ‘habitar’ a própria imagem. É levado à autodepreciação, quando não há a perda de si próprio. Ele é “deslocado”. Ao passo que emagrecer seria, ao contrário, adaptar-se, suportar a provação social, “realizar-se”. (...) Ser gordo equivale a ser “desconsiderado” (VIGARELLO, 2012, p.335).

Para a autora de “O Mito da Beleza”, Naomi Wolf, os padrões de beleza servem como controle social (WOLF, 1992, p. 13), sendo um grande empecilho para que as mulheres possam alcançar a igualdade real com os homens. “Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas” (WOLF, 1992, p.11). Ela classifica as “imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza” (WOLF, 1992, p. 12).

Wolf fala ainda que o mito da beleza se torna uma obrigação somente para as mulheres, e que os homens devem desejar apenas as que forem “belas”. Para ela, o mito da beleza é mais um sistema monetário e se trata de uma dominação masculina, e poder institucional dos homens:

Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo

⁹ Disponível em <http://inpress30.com.br/project/skol>. Acesso em 1º de novembro de 2018.

as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram (WOLF, 1992. P 15).

No entanto, padronizar a beleza a nível mundial, é no mínimo insensato. De acordo com Spinoza, a natureza só produz diferenças (SPINOZA, 2007), assim, não há nenhum corpo igual ao outro, e “a "beleza" não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica” (WOLF, 1992, p. 15).

Ainda assim, os padrões de beleza são reforçados diariamente pelos agentes midiáticos, e legitima o corpo considerado ideal em detrimento social. Conforme Campanate e Caleiro:

Essa legitimação “universal” trabalha em um ciclo vicioso. As pessoas compram o produto e a ideia inseridas na mídia e esquecem de que pode ser mais fácil construir sua identidade corporal e seus formatos de beleza. Apesar da imposição global e da indústria cultural, os veículos de comunicação, enquanto possuidora e disseminadora da informação, deveria apontar para alternativas de ideias e construções de diversidades, seja ela estética ou em outra forma de identificação, mas, em um contexto global que literalmente vivemos (CAMPANATE; CALEIRO, 2012, p. 12).

6. METODOLOGIA

Para realizar um melhor trabalho, este estudo procurou fazer uma análise de conteúdo, utilizando como base o Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva, Obitel, criado em 2005. O observatório lança anualmente um documento de análise das principais obras de ficção produzidas no período dos países do grupo, e entre eles, o Brasil. Dentre essas obras de ficção, encontram-se as telenovelas, que no nosso país, representam a maior parte das produções. O observatório traz em seu conteúdo, os dez títulos nacionais mais vistos com base no *rating* e *share* dos programas.

Rating representa a porcentagem da população que assistiu o programa, já o *share* representa porcentagem do total de televisores ligados no programa no determinado horário.

Com base no observatório, o presente estudo procurou analisar entre os dez títulos mais vistos, as três principais telenovelas dos últimos dois anuários disponíveis: o anuário de 2018, com base na programação de 2017, e o anuário de 2017, com base na programação de 2016.

Após a seleção, chegou-se ao resultado de seis telenovelas, sendo elas:

Tabela 1:

Posição	Anuário	Rating	Share	Novela
1	2018	35,4%	51,9%	A força do querer
2	2018	32,4%	48,7%	O outro lado do paraíso
3	2018	30,3%	45%	A lei do amor
1	2017	34,5%	52,54%	A regra do jogo
2	2017	31,1%	49,58%	Totalmente demais
3	2017	29,5%	43,84%	Velho Chico

Fonte: A autora

Como o objetivo deste estudo é a análise da mulher, foram selecionadas apenas as protagonistas e as personagens femininas que se relacionam diretamente com ela de forma relevante, ou que façam parte do núcleo principal de cada novela, chegando assim a 40 personagens, das quais foram levantados os dados: idade aparente da personagem, cor e aparência do cabelo, cor dos olhos e da pele e aparência física (se aparenta ser magra ou gorda).

Esses aspectos foram analisados através de fotos, vídeos e ainda portais que comentam as produções, para assim identificar quais as características e padrões de beleza referente as personagens, bem como para separar aquelas que divergem do padrão, separando também o nosso objeto final de estudo, que são as mulheres gordas.

Após o levantamento inicial, foram encontradas 4 personagens que aparentavam sobrepeso. Fez-se então, uma análise mais profunda destas, procurando dados como situação financeira da personagem, relações amorosas, caracterização através de vestimentas e maquiagens. Buscou-se ainda, a idade das atrizes, e caso encontrado, peso e altura das mesmas.

Por fim, foi analisada ainda uma personagem fora do núcleo principal da telenovela: a personagem Abigail da novela “A força do querer”, interpretada pela atriz Mariana Xavier. A escolha por esta análise se deve ao fato da atriz ser gorda e tratar sobre assuntos relacionados mulheres com sobrepeso em um canal no Youtube, deve-se ainda pela personagem ter como objetivo tratar o contexto da mulher gorda na trama.

7. RESULTADOS

7.1. As telenovelas

As novelas analisadas trazem temas e contextos diferentes em cada trama. Foi importante também levantar o autor das dramaturgias para entender melhor o contexto televisivo dos temas abordados.

A força do querer

Escrita por Glória Perez, e ambientada no Rio de Janeiro e Pará, esta telenovela marca a volta da audiência em horário nobre na televisão. De acordo com dados levantados pela Obitel, “o último capítulo obteve média de 50 pontos, a maior desde Avenida Brasil (Globo, 2012), cujo final marcou 56 pontos” (LOPES; GÓMEZ, 2018, p. 127).

Foram vários os assuntos abordados pela telenovela, entre os principais destaca-se o tráfico de drogas, com a trama de Bibi Perigosa (Juliana Paes) e seu marido Rubinho (Emílio Dantas). Essa trama acaba envolvendo ainda a policial Jeiza (Paolla Oliveira), que enfrenta Bibi algumas vezes durante a novela. Através de Jeiza se revela a trama de uma mulher policial que deseja se tornar lutadora de MMA, mas vê dificuldades em ser aceita desta forma.

A trama aborda ainda o fascínio que uma determinada mulher causa aos homens, chamado posteriormente de “sereismo”. Esse tema se desenvolve a partir da história de Ritinha (Isis Valverde), que apesar de noiva de um homem, acaba se envolvendo com outro.

Apesar de inicialmente a trama se dividir nas três protagonistas acima, o contexto da novela se desenvolve e o protagonismo acaba se dividindo ainda com outras personagens, como a trama de Silvana (Lília Cabral) que aborda o vício pelos jogos, e Ivana (Carol Duarte) cuja trama se baseia em sua descoberta como transexual.

A autora, Glória Perez, é conhecida por trazer tramas atuais e também polêmicas às suas obras. Nesta novela ela trouxe, como mencionado acima, o tráfico de drogas no Rio de Janeiro, problemas de vício com o jogo, e principalmente

questões de gênero, ao abordar a trama de Ivana/Ivan, bem como Jeiza, Ritinha e ainda Abigail, da qual falaremos posteriormente.

O outro lado do paraíso

Escrita por Walcyr Carrasco, a história da novela se passa em Tocantins. A trama conta a história de Clara (Bianca Bin), que vive tranquilamente com seu avô, mas se apaixona por Gael (Sérgio Guizé) e decide então viver esse amor se casando com o rapaz. No entanto, Gael se mostra agressivo e ela passa a viver em um relacionamento abusivo com contexto de violência doméstica.

Além de seus problemas com o esposo, ela enfrenta ainda a sogra, Sophia (Marieta Severo), que ao descobrir que há esmeraldas nas terras que pertenciam a família de Clara, resolve livrar-se da nora, internando-a em um hospício.

No hospício, Clara conhece Beatriz (Nathália Timberg), que se torna mentora de Clara e a ajuda a preparar um plano de vingança contra aqueles que fizeram mal a Clara, bem como a ajuda a elaborar um plano para sair do hospício. A trama se desenvolve então a partir da volta de Clara e a execução de seus planos de vingança.

A lei do amor

A novela, escrita por Maria Adelaide Amaral e Vincent Villari, é ambientada no eixo Rio-São Paulo. A história se divide em duas fases, contando a história de amor entre Helô (Isabelle Drummond e Cláudia Abreu) e Pedro (Chay Suede e Reynaldo Gianecchini).

Durante a primeira fase da novela, Helô luta para cuidar de seus pais Cândida (Denise Fraga), que sofre com uma doença terminal, e o pai, Jorge (Daniel Ribeiro), alcoólatra e desempregado, tendo sido demitido pela família de Pedro e em face do desespero acaba atentando um assalto a tecelagem em que trabalhava, no entanto acaba preso e posteriormente morto na penitenciária.

A madrasta de Pedro, Magnólia (Vera Holtz), acredita que a aproximação de Helô para com Pedro será para vingança por seu pai e assim, acaba armando para separar o jovem casal.

A segunda fase da novela, se passa através do reencontro de Pedro e Helô, agora casada com Tião Bezerra (José Mayer). Envolvendo ainda mais armações por parte de Magnólia.

A regra do jogo

A novela, de João Emanuel Carneiro, se passa no Rio de Janeiro e traz a história de Tóia (Vanessa Giácomo), uma moça trabalhadora que vive no Morro da Macaca e sonha em se casar com seu então namorado, Juliano (Cauã Reymond), filho de Zé Maria (Tony Ramos), foragido da polícia que afirma ser inocente.

Juliano, que desistiu de ser lutador de MMA para se tornar professor de artes marciais foi acusado e condenado injustamente por tráfico de drogas, e passou a ser visto com olhar de desconfiança pelos moradores do morro. Ele deseja vingança, por sua história e também pelo seu pai, contrariando o desejo de Tóia.

A trama se desenvolve a partir da busca de Juliano por vingança, bem como problemas com Romero Rômulo (Alexandre Nero), ex-vereador de caráter duvidoso com quem Tóia se envolve na novela, e ainda com o filho adotivo de Romero, Dante (Marco Pigossi), que deseja vingança em relação ao pai de Juliano, ao qual acredita que seja culpado pela morte de sua mãe.

Totalmente demais

A novela escrita por Rosane Svartman e Paulo Halm conta a história da jovem Eliza (Marina Ruy Barbosa), e se passa no interior e na capital do Rio de Janeiro. A mocinha, sai de sua casa por conflitos com seu padrasto e vai para a capital, morando nas ruas e conhecendo assim o seu amigo e posteriormente seu par, Jonas (Felipe Simas), que a ajuda e passa a morar com ela em um cinema abandonado.

Apesar da sua situação financeira, a moça chama atenção por sua beleza, despertando assim os olhares de Arthur (Fábio Assunção), dono de uma agência de modelos. Arthur vive um romance com diretora da revista Totalmente Demais, Carolina (Juliana Paes) e juntos lançam um concurso de beleza. Os dois fazem uma aposta referente a Eliza, a qual Arthur garante que será a vencedora do concurso.

A trama parte então para o concurso e as tramas de Carolina para atrapalhar a mocinha.

Velho Chico

A novela, escrita por Benedito Ruy Barbosa, se passa no nordeste brasileiro, na cidade fictícia Grotas de São Francisco, às margens do rio São Francisco. A história se divide em fases, tendo início no final da década de 1960 e finalizando nos dias atuais. A trama envolve duas famílias rivais que brigam por terra e poder.

A trama tem início com a história dos pais de Santo dos Anjos (Renato Góes e Domingos Montagner) e Maria Teresa (Júlia Dallavia e Camila Pitanga), e conta o início da briga entre as famílias. No entanto, os herdeiros das famílias, Santo e Maria Teresa acabam de apaixonando. Como o amor era proibido, o pai de Maria Teresa a envia para um internato para assim afastá-la de Santo. Partindo então para a fase final, que é o retorno de Maria Teresa para a cidade e o reencontro dela e de Santo.

A novela, transmitida em horário nobre, fugiu das costumeiras histórias atuais passadas do eixo Rio-São Paulo e retratou a tradição e costumes nordestinos. Um ponto muito importante para a novela, foi que já no final de sua exibição, o protagonista, Domingos Montagner afogou-se no rio São Francisco, trazendo comoção nacional, e forçando alterações para o término das gravações da novela.

7.2. As personagens

O primeiro levantamento faz-se notória a escassez de mulheres gordas na televisão. Das 40 personagens analisadas entre o núcleo principal das novelas, apenas 10% das personagens aparentavam ser gordas, sendo que, todas essas personagens eram apenas coadjuvantes. Entre as protagonistas, não há atrizes acima do peso considerado ideal por especialistas.

Tabela 2:

Novela - Força do Querer			
Nº	Atriz	Personagem	Características
1	Juliana Paes	Bibi	Pele branca; olhos castanhos; cabelos ondulados castanhos; idade jovem adulta; magra
2	Hylka Maria	Alessia	Pele branca; olhos castanhos; cabelos lisos castanhos; idade jovem adulta; magra

3	Carla Diaz	Carine	Pele branca; Olhos castanhos claro; cabelo lisos loiros; idade jovem adulta; magra
4	Paola Oliveira	Jeiza	Pele branca; olhos castanhos; cabelos lisos loiros; idade jovem adulta; magra/atlética
5	Gisele Fróes	Cândida	Pele branca; olhos castanhos; cabelos ondulados castanhos; idade senhora adulta; magra
6	Elizângela	Aurora	Pele morena clara; olhos castanhos; cabelo liso castanho; idade senhora adulta; gorda
7	Isis Valverde	Ritinha	Pele branca; olhos castanhos; cabelos ondulado castanhos; idade jovem adulta; magra
8	Zezé Polessa	Edinalva	Pele branca; olhos castanhos; cabelos lisos castanhos; idade senhora adulta; magra
9	Dandara Mariana	Marilda,	Pele negra; olhos castanhos; cabelos crespos castanhos; idade jovem adulta; magra/atlética
10	Bruna Linzmeyer	Cibele	Pele branca; olhos azuis; cabelos lisos castanhos; idade jovem adulta; magra
11	Maria Fernanda Cândido	Joyce	Pele branca; olhos castanhos; cabelos ondulados castanhos, idade senhora adulta mãe de adultos; magra
12	Carol Duarte	Ivana	Pele branca; olhos castanhos; cabelo liso ondulados castanho claro; jovem adulta; magra
Novela - O outro lado do paraíso			
Nº	Atriz	Personagem	Características
13	Bianca Bin	Clara	Pele branca; olhos claros; cabelos ondulado castanho; idade jovem; magra
14	Marieta Severo	Sophia	Pele branca; olhos castanhos; cabelos ondulado avelã; idade senhora adulta; magra
15	Grazi Massafera	Lívia	Pele branca; olhos claro; cabelos ondulado loiro; idade jovem; magra
16	Glória Pires	Duda/Elizabeth	Pele branca; olhos castanhos; cabelos lisos escuros; idade adulta; magra
17	Nathalia Timberg	Beatriz	Pele branca; olhos castanhos; cabelos lisos brancos; idade senhora idosa, gorda
18	Fernanda Montenegro	Mercedes	Pele branca; olhos castanhos; cabelos lisos branco; idade senhora idosa; magra
19	Érika Januza	Raquel	Pele negra; olhos castanhos; cabelos crespos castanho; idade jovem; magra

Novela – A lei do Amor			
Nº	Atriz	Personagem	Características
20	Isabelle Drummond	Helô	Pele branca; olhos castanho claro; cabelo liso loiro; idade jovem; magra
21	Cláudia Abreu	Helô	Pele branca; olhos castanhos; cabelo liso loiro; idade adulta; magra
22	Vera Holtz	Magnólia	Pele branca; olhos castanhos; cabelos lisos brancos; idade senhora; gorda
23	Isabela Sartoni	Letícia	Pele branca; olhos claros; cabelos lisos castanhos claro; jovem; magra
24	Denise Fraga	Cândida	Pele branca; olhos castanhos; cabelos lisos castanho; idade: senhora; mãe de personagem jovem; magra
25	Alice Wegmann	Isabela/Marina	Pele branca; olhos castanhos; cabelos lisos castanhos claro; jovem; magra
Novela - A regra do jogo			
Nº	Atriz	Personagem	Características
26	Vanessa Giácono	Tóia	Pele branca; olhos castanhos; cabelos ondulados escuro; idade jovem; magra
27	Giovana Antoneli	Atena	Pele branca; olhos castanhos; cabelos ondulados loiros; idade adulta; magra
28	Cassia kis	Djanira	Pele branca; olhos castanhos; cabelos lisos branco; idade senhora; magra
29	Susana Vieira	Adisabeba	Pele branca; olhos castanhos; cabelos cacheados loiros; idade senhora; gorda
Novela - Totalmente Demais			
Nº	Atriz	Personagem	Características
30	Marina Ruy Barbosa	Elisa	Pele branca; olhos castanho claro; cabelos liso ondulado ruivo; idade jovem; magra
31	Juliana Paes	Carolina Castilho	Pele branca; olhos castanhos; cabelos lisos castanho-escuros; idade jovem adulta; magra
32	Juliana Paiva	Sandra Regina Matoso	Pele branca; olhos castanhos; cabelo liso ondulado loiro castanho claro; idade jovem; magra
33	Leona Cavalli	Gilda de Assis Machado	Pele branca; olhos castanho claro; cabelos ondulados loiro; idade senhora adulta; magra

Novela - Velho Chico			
Nº	Atriz	Personagem	Características
34	Julia Dalavia	Maria Teresa	Pele branca; olhos castanhos; cabelos ondulados castanhos; idade jovem; magra
35	Camila Pitanga	Maria Teresa	Pele negra de matiz clara; olhos castanhos; cabelos ondulados castanhos; idade adulta; magra
36	Larissa Góes	Luzia	Pele negra; olhos castanhos; cabelos lisos preto; idade jovem; magra
37	Luci alves	Luzia	Pele negra; olhos pretos; cabelos ondulado pretos; idade adulta; magra
38	Carol Castro	Iolanda	Pele branca; olhos castanho claro; cabelos ondulados castanhos; idade adulta; magra
39	Christiane Torloni	Iolanda	Pele branca; olhos castanhos; cabelos ondulados castanhos; idade senhora adulta; magra
40	Selma Egrei	Encarnação	Pele branca; olhos azuis; cabelos lisos preto/grisalho; idade senhora idosa; magra

Fonte: A autora

Apesar de serem apenas seis telenovelas, foram encontradas oito protagonistas, já que a novela “A força do querer” fugiu do tradicional e trouxe três protagonistas que mesclaram sua trama e importância durante a novela. Em algumas novelas, as protagonistas foram interpretadas por mais de uma atriz, já que houve passagem do tempo no decorrer da trama, como no caso de “A lei do amor” e “Velho Chico”.

São as protagonistas: Bibi (Juliana Paes), Jeiza (Paolla Oliveira) e Ritinha (Isis Valverde), da novela “A força do querer”, Clara (Bianca Bin), da novela “O outro lado do paraíso”, Helô (Isabelle Drummond e Cláudia Abreu), da novela “A lei do amor”, Tóia (Vanessa Giácomo), da novela “A regra do jogo”; Eliza (Marina Ruy Babosa) da novela “Totalmente demais” e Maria Tereza (Julia Dallavia e Camila Pitanga) da novela “Velho Chico”.

Através das pesquisas, foi interessante notar que Juliana Paes, uma atriz global de grande destaque e conhecida por sua beleza e corpo esbelto, perdeu peso para se

encaixar na personagem Bibi¹⁰. O que fortalece ainda mais o conceito de que protagonistas devem se encaixar no padrão de beleza que reforça o corpo magro, mesmo que este já o seja, culminando na mudança corporal das atrizes para se adequar a estes padrões.

7.3. As personagens gordas

As personagens gordas foram encontradas em novelas distintas. São elas:

Aurora, interpretada pela atriz Elizângela na novela “A força do querer”; Beatriz, interpretada pela atriz Nathália Timberg na novela “O outro lado do paraíso”; Magnólia, interpretada pela atriz Vera Holtz na novela “A Lei do amor”; e Adisabeba, interpretada por Susana Vieira na novela “A regra do Jogo”.

A personagem Aurora, da novela A força do querer, é mãe da personagem principal, Bibi (Juliana Paes). Uma mulher simples, moradora da periferia que se sente muito frustrada em relação as escolhas da filha. A atriz que a interpreta, Elizângela, possui 63 anos, e mede 1,63m de altura, entretanto não foi encontrada referência para o seu peso. Apesar disso, fica evidente em qualquer fotografia da atriz, a sua aparência corpulenta, demonstrando um possível excesso de peso.

A caracterização da personagem contempla, na maior parte das cenas, maquiagem e roupas simples, já que se trata de uma mulher residente em periferia, em situação financeira não favorável. A trama não faz nenhuma referência a relações amorosas para a personagem, servido apenas para complementar a história de sua filha, genro e neto.

Figura 1 – Elizangêla como Aurora

¹⁰ Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/juliana-paes-aprova-mudanca-no-corpo-apos-perder-peso/>. Acesso em 1º de novembro de 2018



Fonte: Divulgação, Globo. Retirada do portal Extra

A personagem Beatriz, da novela “O outro lado do paraíso” aparece apenas na primeira fase da novela. Trata-se de uma senhora da alta sociedade, rica, mas que fora internada em uma clínica psiquiátrica. Ela se torna grande amiga e mentora da protagonista, Clara (Bianca Bin), mas falece ainda na fase inicial da novela. A atriz que a interpreta, Nathália Timberg, já idosa, possui 89 anos. Apesar de não terem sido encontrados, peso ou altura da atriz, nota-se, como na fotografia abaixo, que não se trata de uma mulher magra, sendo qualificada então para a análise como personagem gorda. A caracterização da personagem é feita através de roupas simples e sem maquiagem, já que se trata de uma interna de um hospício. Também não consta nenhuma relação amorosa para a personagem.

Figura 2 – Nathália Timberg como Beatriz



Fonte: Divulgação, Globo. Retirada do portal Purepeople

A personagem Magnólia, da novela “A lei do amor”, é a principal antagonista da trama. Madrasta do protagonista, Pedro (Chay Suede e Reynaldo Gianecchini), é uma mulher rica e autoritária e faz de tudo para intervir na vida de seu enteado e a amada Helô (Isabelle Drummond e Cláudia Abreu). A atriz que a interpreta, Vera Holtz, têm 65 anos, e também não foram encontrados os dados referente à sua altura ou peso. No entanto, a atriz afirma ter perdido 15kg¹¹ para adequar-se à personagem, que é vaidosa e elegante. Mesmo com essa perda de peso, nota-se que sua aparência continua corpulenta, se encaixando assim ao perfil de mulher gorda desta pesquisa. A caracterização da personagem inclui bastante maquiagem, joias e roupas elegantes, já que se trata de uma mulher da alta sociedade.

Figura 3 – Vera Holtz como Magnólia



Fonte: Divulgação, Globo. Retirada do site Purepeople

A personagem Adisabeba, da novela “A regra do Jogo”, é uma ex-prostituta e uma espécie de “dona” do morro em que vive. Possui relação íntima com a protagonista, Tóia (Vanessa Giácomo), que trabalha como gerente na boate de propriedade de Adisabeba. A atriz que a interpreta, Susana Vieira, tem 76 anos, mas geralmente representa personagens com idade aparente um pouco inferior.

Ter sido enquadrada como personagem gorda, pode a princípio causar estranheza, já que a atriz é conhecida por sua jovialidade e boa aparência em relação a sua idade. No entanto, a própria atriz já fez declarações em algumas ocasiões se

¹¹ Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/bruno-astuto/noticia/2016/12/vera-holtz-aos-64-anos-perdi-15-kg-e-estou-linda-com-meus-cabelos-brancos.html> Acesso em 1º de novembro de 2018

afirmando como mulher gorda¹², e ao comentar a caracterização da personagem desta novela, usa a expressão “gordinha”¹³ para defini-la.

Há ainda, relatos de que a atriz Cássia Kiss tenha chamado Susana Vieira de gorda¹⁴, devido um desentendimento entre as duas. Esta provocação demonstra de forma prática a gordofobia, já que a característica gorda foi utilizada de forma a constranger e depreciar a imagem da atriz.

A caracterização de Adisabeba inclui muita maquiagem e roupas extravagantes, chegando à brega em determinadas cenas. Em relação a sua vida financeira, apesar de dona de boate e importante no morro em que vive, ainda representa uma população menos favorecida, já que se trata de ex-prostituta e moradora de periferia.

Figura 4 – Susana Vieira como Adisabeba



Fonte: Divulgação, Globo. Retirada do Portal do Zacarias

A principal característica comum entre as personagens gordas encontradas é o fator idade: todas as atrizes possuem mais de 60 anos. Mesmo em relação a idade aparente nas telenovelas, todas as personagens são mães de pessoas adultas, até mesmo avós. Com isto, fica de certo modo difícil caracterizar as atrizes como gordas

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6tmB0KpBkbE> . Acesso em 1º de novembro de 2018.

¹³ Disponível em: http://www.purepeople.com.br/noticia/susana-vieira-sobre-roupa-justa-em-novela-gordinhas-que-nem-eu-tambem-vestem_a72305/1 . Acesso em 1º de novembro de 2018.

¹⁴ Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/cassia-kis-alfineta-susana-vieira-e-a-chama-de-gorda/> Acesso em 1º de novembro de 2018.

ou magras, já que apesar das cobranças ainda existentes, uma leve alteração no peso é melhor aceito socialmente por idosas, que se comparado com mulheres jovens. Tanto, que o peso não é um fator de atenção para as personagens, os corpos são vistos como normais, sem nenhum destaque dado a eles.

O fator idade entra ainda em concordância com as pesquisas que mostram que o número de pessoas acima do peso considerado ideal, aumenta conforme a idade. No entanto, esta representação acaba por reforçar o padrão de que a jovialidade é necessariamente acompanhada da beleza e consequentemente, a magreza.

Em relação a importância para a trama, as histórias dessas personagens serviram apenas para ornar e complementar a história da protagonista. Apesar de terem algum destaque na novela, a única personagem que realmente se sobressai é a Magnólia, já que é a grande vilã da novela.

Sobre relacionamentos amorosos, apenas duas personagens trazem isso em suas histórias: Magnólia de *A Lei do amor*, cuja trama envolve dois casamentos e uma relação extraconjugal, incluindo galãs globais já consagrados, como José Mayer e Tiago Lacerda. A outra personagem é Adisabeba da novela *A regra do jogo*, que possui dois relacionamentos durante o folhetim, sendo um deles com um rapaz bem mais jovem que a sua personagem.

7.4. Uma personagem a parte

A personagem Abigail, Biga, da novela *A força do querer*, interpretada pela atriz Mariana Xavier foi analisada já que se trata de uma secretária gorda, mas que vive bem com o seu corpo. Apesar do pouco destaque, e de fazer parte de um núcleo pequeno da novela, a personagem é de suma importância. Na trama, ela é secretária na empresa de Caio Garcia (Rodrigo Lombardi) e amiga de Nonato (Silvero Pereira) que são personagens que ganham mais destaque na novela.

Figura 5 – Mariana Xavier como Abigail



Fonte: GShow, Globo

A trama da personagem, a princípio, seria a história de uma secretária gorda que se torna modelo. No entanto, a trama não é desenvolvida como esperado pelo público e acaba servindo mais como propaganda da empresa Natura, já que além de secretária, a personagem se torna revendedora da marca.

Em relação a vida amorosa de Biga. A personagem chega a ter um envolvimento amoroso, mas este também não ganha destaque, a trama apenas “dá a entender” que esse romance existe.

Um fator de muita importância para a personagem é a sua profissão, apesar de ser uma simples secretária, a profissão geralmente é interpretada por atrizes magras, já que existe o imaginário cultural da “secretária boazuda, e gostosa”. Fora do ambiente das telenovelas, profissões de contato com o público geralmente não são ocupados por mulheres acima do peso. Conforme matéria da revista Galileu:

Um outro estudo de 2015, desta vez da Universidade Vanderbilt, concluiu que mulheres obesas têm mais possibilidade de trabalhar em empregos com ênfase em atividade braçal em detrimento daqueles voltados à interação com o público, uma tendência não observada com homens obesos. Mesmo quando elas atuam em postos que exigem interação física, mulheres obesas recebem menos do que mulheres não obesas, que por si só já ganham, em média, dois terços a menos do que os homens pelo mesmo serviço nos Estados Unidos. (LOUREIRO, 2017, p.39)

Apesar do pouco destaque, a personagem Biga traz vários pontos positivos, e entre eles, a própria escolha da atriz que deu vida à personagem. Abigail foi interpretada por Mariana Xavier, atriz de 38 anos, que mede 1,51m de altura, e pesava durante a novela 82kg. A atriz vive naturalmente uma relação positiva em relação ao seu corpo gordo. Ela possui um canal no Youtube chamado “Mundo Gordelícia”, onde

trata de assunto como o relacionamento saudável com o corpo gordo, autoestima e a vida de uma mulher acima do peso de modo geral.

Em um de seus vídeos, a atriz faz um balanço sobre a personagem vivida, aproveitando para rebater a muitas críticas feitas ao não desenvolvimento da trama de Biga na novela:

(..) o que eu esperava ser só mais do mesmo, acabou se tornando algo pelo qual eu batalho há muitos anos: uma personagem normal. Em cuja vida o peso não fosse protagonista, e que não precisasse ser a engraçadinha o tempo todo. (...). Muita gente disse que eu estava desperdiçada na novela, que eu era boa demais para fazer só aquilo, questionou: cadê a vida das modelos plus size? Muita gente ficou frustrada pela trama na Biga não ter recebido mais destaque. Eu não (...). A Biga me deu a chance de começar a mostrar outras facetas. Totalmente fora desse estereótipo da gordinha engraçada ao qual as pessoas estão acostumadas. E isso foi uma grande conquista para mim. (...). Embora não seja tão impactante, é bem mais combativo ao preconceito mostrar a gorda como uma mulher normal, exatamente como a Biga foi. Porque é isso que a gente é. Alguém que não é a palhaça o tempo todo, que não é a sexy o tempo todo, que tem variações do humor e questões como qualquer outra mulher. Focar desde o início nessa história de modelo, podia incutir na cabeça das pessoas uma ideia totalmente equivocada, uma ideia de que a mulher gorda para sentir bem, para ser bem-sucedida, necessariamente tem que ser modelo. Necessariamente, necessita de um selo de aprovação pública da beleza. E não, não é de fora para dentro, é de dentro para fora. Quando a gente para de tratar o peso como protagonista da vida de uma pessoa, a gente já está falando da autoestima dela. A Biga foi um passo muito importante na desconstrução dessa gorda boba da corte e veio para mostrar que você pode se amar e ser feliz do seu jeito. Sendo secretária, sendo médica, manicure, advogada, consultora de beleza, professora. Pode, e deve. (XAVIER, 2017, transcrição de vídeo)

A avaliação da atriz em relação a personagem é de grande importância, já que traz análises mais profundas do significado da presença de uma mulher gorda em uma telenovela de horário nobre, a qual atingiu grande audiência enquanto exibida. Biga apresentou a causa da mulher gorda de forma sutil, mostrando resistência apenas por estar lá. Era uma mulher jovem, bem-sucedida e de bem com o próprio corpo. Servindo como uma quebra de padrão, e exemplo de representatividade eficaz para aquelas que mulheres que não se enquadram no arquétipo magro majoritariamente apresentado.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da mulher gorda nos meios de comunicação partiu desde o início através de um interesse pessoal. Como uma pessoa acima do peso desde a infância, nunca me senti representada pelas tramas que tanto gostava de assistir, do contrário, sempre quis modificar o meu corpo para me adequar ao padrão televisivo e assim ser “digna” de viver um amor.

Ao começar os meus estudos na universidade, pude perceber a grande importância da comunicação e da televisão aberta para a população, especialmente para mulheres e para aqueles que assim como eu, tinham poucas formas de acesso à informação e entretenimento.

Durante o meu curso, passei por um processo de aceitação do meu corpo e uma elevação da autoestima, e passei a enxergar e entender o quão prejudicial era a forma como as mulheres acima do peso eram tratadas e vistas pela sociedade, bem como excluídas em termos simples, como para aquisição de roupas. E passei a refletir mais sobre o impacto da falta da representação midiática de tais mulheres, bem como a forma como era feita a caracterização delas e ainda desvalorização do termo gordo, e percebi o quanto tudo isto impactou negativamente a minha vida e vida de várias mulheres ao meu redor.

Procurei então através deste estudo quantificar e qualificar a representação das mulheres gordas em um dos principais meios de entretenimento da mulher brasileira: a telenovela.

Os resultados encontrados não se diferenciaram muito do que eu, como telespectadora, já havia observado nas teledramaturgias. Além das principais telenovelas do país saírem de apenas um canal de televisão aberta, e majoritariamente de um determinado horário, o que já era bastante esperado, a presença de mulheres acima do peso nas tramas eram escassas.

Entre 40 personagens dos núcleos principais de seis telenovelas distintas, apenas quatro se encaixavam no padrão gordo, não sendo nenhuma delas as protagonistas, ditas “mocinhas” das tramas. No entanto, foi interessante notar o quanto a gordura passa a ser menos desprezível e começa a ser de certa forma aceita, quando se trata de mulheres idosas.

Além das personagens que faziam parte dos núcleos principais, optei ainda em analisar uma personagem de um núcleo menor, por se tratar de uma personagem gorda, porém jovem. A personagem Abigail foi sem dúvida uma agradável surpresa para a minha pesquisa. Apesar de seu pouco destaque na trama, a personagem não ficou presa ao núcleo cômico da novela, o que eu já estava acostumada a ver, pelo contrário, mostrou uma mulher normal, cujo peso não era um fator de relevância para a personagem, não a impossibilitando de nada durante a novela.

Este estudo demonstrou que ainda são poucas as representações de mulheres gordas nas telenovelas. O espaço dado a elas, não reflete nem de longe o número de mulheres acima do peso na vida real, já que segundo estimativas do IBGE vistas acima, mais de 50% das mulheres brasileiras estão acima do peso considerado ideal por especialistas, logo, para fazer jus a vida real, metade das personagens deveriam também apresentar ao menos um leve sobrepeso.

É necessário que haja entendimento da importância da representação de uma maior diversidade de biótipos para assim haver uma verdadeira inclusão de mulheres reais nas teledramaturgias, assim como dar às mulheres gordas, personagens de maior profundidade e de maior destaque. Não apenas para equiparar numericamente a quantidade de mulheres com sobrepeso na vida real, mas para que haja uma verdadeira inclusão.

É necessário reconhecer, no entanto, que através de Abigail, um pequeno passo já foi dado, principalmente no tocante a presença da mulher gorda de forma positiva e naturalizada, não como um problema a ser resolvido, mas como um ser pertencente a sociedade, digna e capaz de alcançar todo e quaisquer objetivos.

9. REFERÊNCIAS

ALTHEIA, Paola. *PRECONCEITO EXTRA GRANDE*. Galileu, São Paulo, edição 306, Janeiro, 2017. Entrevista concedida a Gabriela Loureiro.

ANDRADE, Sandra. *"UMA BOA FORMA DE SER FELIZ": Representações de corpo feminino na revista Boa Forma*. 189f. Dissertação de mestrado - UFRGS, Porto Alegre, 2002.

APOSTÓLICO, Cimara. *TELENOVELA: O OLHAR CAPTURADO Construção da tríade telespectador, corpo e imagem*. 2006. 118f. Dissertação de mestrado - PUC-SP, São Paulo, 2006.

ARCOVERDE, Vanessa; RODRIGUES, Ramilla. *Cinderela não é gorda: análise de conteúdo da personagem Perséfone na novela Amor à Vida*. Orientação: 59 páginas Projeto Final em Jornalismo – Departamento de Jornalismo – Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

ASTUTO, Bruno. *Vera Holtz aos 64 anos: "Perdi 15kg e estou linda com meus cabelos brancos"*. 2016. <<https://epoca.globo.com/sociedade/bruno-astuto/noticia/2016/12/vera-holtz-aos-64-anos-perdi-15-kg-e-estou-linda-com-meus-cabelos-brancos.html>> Acesso em 01/11/2018

Banco Interamericano de Desenvolvimento. *Novelas brasileiras têm impacto sobre os comportamentos sociais*. 2009. <<https://www.iadb.org/pt/noticias/artigos/2009-01-29/novelas-brasileiras-tem-impacto-sobre-os-comportamentos-sociais%2C5104.html>> Acesso em 01/11/2018.

BELISÁRIO, Kátia; GERALDES, Ellen; MOURA, Dione. *Para "inglês" ver: apontamentos sobre representações da mulher brasileira em casos repercutidos na imprensa internacional*. Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 26, n. 3, p. 467-477, 2013. <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/sociaisehumanas/article/view/2902/pdf>> Acesso em: 10/11/2018.

BORELLI, Sílvia. *TELENOVELAS BRASILEIRAS balanços e perspectivas*. 2011. <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a05v15n3.pdf>> Acesso em: 01/11/2018.

BRITO, Ana Carolina. *Susana Vieira sobre roupa justa em novela: 'Gordinhas que nem eu também vestem'*. 2015. <http://www.purepeople.com.br/noticia/susana-vieira-sobre-roupa-justa-em-novela-gordinhas-que-nem-eu-tambem-vestem_a72305/1>. Acesso em 01/11/2018.

CAMPANATE, Camila; CALEIRO, Maurício. *O mundo das magras: análise das capas da Boa Forma como reforço de uma ideologia global*. 2012. <<http://www.intercom.org.br/PAPERS/REGIONAIS/SUDESTE2012/resumos/R33-0882-1.pdf>>. Acesso em: 01/11/2018.

CASTRO, Ana Lúcia de. *Culto ao corpo: identidades e estilo de vida*. 2004. <<https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel24/analuciacaastro.pdf>>. Acesso em 01/11/2018.

Country Meters. *Relógio da população do Brasil*. 2018. <<https://countrimeters.info/pt/Brazil>>. Acesso em 01/11/2018.

DEUFEL, Camila e NORONHA, Andreza. *Reflexões teóricas sobre a Gordofobia na Mídia: o corpo na contemporaneidade*, 2014. <<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/12076>> Acesso em 01/11/2018.

EMBRACE. Direção: Taryn Brumfitt. Austrália, 2016. Netflix. (90min)

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV*. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, vol. 28, nº 1, 2002.

FREITAS, Maria. *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Organizado por FERREIRA, Sílvia; NASCIMENTO, Enilda. *MULHER LIGTH: CORPO, DIETA E REPRESSÃO* (23 - 34) - Salvador: NEIM/UFBA, 2002. 268p.- (Coleção Bahianas; 7)

FRIDMAN, Luís. *Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento*. 1999. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000300007&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 01/11/2018

GONÇALVES, Augusto. *EDUCAÇÃO MUSICAL NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL DE VIGOTSKI: A UNIDADE EDUCAÇÃO-MÚSICA*. 2017. <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31392/1/2017_AugustoCharanAlvesBarboSaGon%C3%A7alves.pdf> Acesso em 01/11/2018.

GRIECO, S. F. M. (1991). O corpo, aparência e sexualidade. In G. Duby & M. Perrot (Orgs.), *História das mulheres no ocidente 3: Do renascimento à idade moderna* (71-120). Porto, Portugal: Edições Afrontamento.

HAMBUGER, Esther. *Brasil antenado: a sociedade na novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Kantar IBOPE Media. *Gêneros - América Latina*. 2017. <<https://www.kantaribopemedia.com/generos-america-latina/>>. Acesso em 01/11/2018.

LOPES, Maria; GÓMES, Guillermo. *Ficção Televisiva Ibero-Americana em Plataformas de Vídeo on Demand*. 2018. <http://www.obitel.net/wp-content/uploads/2018/08/15_08-208_Obitel-bilingue_portugues-e-espanhol.pdf>. Acesso em 01/11/2018.

LOUREIRO, Gabriela. *PRECONCEITO EXTRA GRANDE*. Galileu, São Paulo, edição 306, 28-41, São Paulo Janeiro, 2017.

MATTOS, Luane. *A INFLUÊNCIA DA TELENVELA NO COMPORTAMENTO DO TELESPECTADOR Uma análise de O Clone, América e Paraíso Tropical*. 2008. <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1880/2/20415902.pdf>> Acesso em: 01/11/2018.

OIKAWA, Erika; SILVA, Lourdes; FEITOSA, Sara. *CULTURA DA TELENVELA: CIRCULAÇÃO, APROPRIAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO DA TELENVELA EM*

REDES SOCIAIS DIGITAIS NO BRASIL. 2014: <<http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2014/10/GI3-FEITOSA-OIKAWA-SILVA.pdf>> Acesso em: 01/11/2018.

PEREIRA, Márcio. *TELENOVELA BRASILEIRA E INDÚSTRIA CULTURAL: UM BREVE ENSAIO SOBRE O PERSONAGEM DE REYNALDO GIANECCHINI EM 'SETE PECADOS' À LUZ DE ALGUMAS TEORIAS DA CULTURA DE MASSA*. 2008. <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14508.pdf>> Acesso em: 01/11/2018.

SARDENBERG, Cecília. *Imagens da mulher na cultura contemporânea / organizado por Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento. A MULHER FRENTE À CULTURA DA ETERNA JUVENTUDE: REFLEXÕES TEÓRICAS E PESSOAIS DE UMA FEMINISTA "CINQUENTONA"* (51 - 68) - Salvador: NEIM/UFBA, 2002. 268p.- (Coleção Bahianas; 7)

SIFUENTES, Lírian. *PERSONAGEM DE NOVELA OU MULHER DA VIDA REAL? Mediações culturais na conformação da identidade feminina*. Niterói: Revista Contracampo, 2009.

SKOL; IBOPE. *Skol Diálogos*. 2017. <<http://inpress30.com.br/project/skol>>. Acesso em 01/11/2018.

SOUZA, Raquel. *Juliana Paes aprova mudança no corpo após perder peso*. 2017. <<https://www.otvfoco.com.br/juliana-paes-aprova-mudanca-no-corpo-apos-perder-peso/>>. Acesso em 01/11/2018

SPC Brasil. *TV aberta e internet são principal fonte de informação e entretenimento de quem mora sozinho, mostra pesquisa do SPC Brasil e CNDL*. 2017. <<https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/2965>>. Acesso em 01/11/2018.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Edição bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

TURA, Aron. *Cássia Kiss alfineta Susana Vieira e a chama de gorda*. 2015. <<https://www.otvfoco.com.br/cassia-kis-alfineta-susana-vieira-e-a-chama-de-gorda/>> Acesso em 01/11/2018.

VIEIRA, Susana. In: *Eu sou uma pessoa gorda*. 2014. <<https://www.youtube.com/watch?v=6tmB0KpBkbE>>. Acesso em 01/11/2018.

VIGARELLO, Georges. *As metamorfoses do gordo - história da obesidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VIGOTSKI, Lev. *Pensamento e linguagem*. São Paulo : Martins Fontes, 1987.

_____. *Obras Escogidas V: Fundamentos de defectología*. Madrid, 1997a.

WOLF, N. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

XAVIER, Mariana. In: *Meu Balanço de "A Força Do Querer"*. 2017. <<https://www.youtube.com/watch?v=FusVg6v-7jw&t=2s>>. Acesso em: 01/11/2018.